



MISSÕES JESUÍTICAS

F. C. Glass

Mais ou menos no ano de 1600, tornou-se evidente aos padres jesuítas que as regiões do Paraguai e sul do Brasil, recentemente descobertas, eram países ideais para um novo império, no mundo novo, o que seria para eles uma compensação dos prejuízos que tinham tido no Velho Mundo. Seus súditos seriam os índios da tribo dos guaranis, mas numerosos, e eles, os sacerdotes e os irmãos leigos da ordem de São Loyola, seriam os donos exclusivos, os governadores e legisladores da terra.

Os planos foram, portanto, organizados com toda a inteligência e previsão e com a perfeita astúcia e sigilo nos quais esta Ordem se tornara famosa.

A rivalidade entre as coroas de Espanha e Portugal, as condições nubladas dos limites internacionais, a crueldade e injustiça da política dos descobridores para com os possuidores índios do solo, proporcionaram a oportunidade desejada, e, em 1610 os padres jesuítas iniciaram o seu projeto, vasto e ambicioso, com a construção de uma cidade missionária no interior do Paraguai. Outras cidades foram sendo criadas, tão rapidamente que, em 1627, a região incluía uma enorme área do Brasil e São Nicolau foi edificada.

Em 1631 existiam vinte dessas cidades missionárias, com mais de cem mil habitantes, todos falando a língua guarani; no fim do mesmo século já eram sete as cidades jesuíticas existentes no sul do Brasil. O novo império tomou o nome de Missões, sendo sua capital a cidade de São Borja, às margens de caudoloso Uruguai. Não havia leis de direito civil, nem

direitos de propriedade e pessoa. Os índios eram considerados como pertencentes de corpo e alma aos jesuítas, uma forma mais ou menos benigna de escravidão, mas que, eventualmente, se tornou quase tão cruel e impiedosa como a escravidão portuguesa.

Os índios eram obrigados a trabalhar para os seus dirrigentes senhoriais; como retribuição recebiam boa alimentação e eram protegidos contra os colonizadores e saturados de doutrina romana. Eram empregados, a maior parte das vezes, no cultivo do açúcar, do milho, do feijão etc., que eram vendidos nos portos de Assunção e Buenos Aires; os seus fabulosos lucros eram divididos entre a coroa espanhola e o erário dos jesuítas, tendo sempre estes últimos a porção do leão.

Os índios eram bem armados e exercitados nas táticas militares. Não eram permitido a nenhum estrangeiro ou homem branco, que não fosse membro da Ordem, a entrada na região e em 1750 a riqueza e o poderio desse império eclesiástico era tão grande e se propagava tão rapidamente, que o medo e a inveja de seus vizinhos foram despertados. Os padres, entretanto, desafiaram as coroas, tanto de Espanha como de Portugal. Só depois de três anos de esforços da parte das armas unidas destes dois poderes é que conseguiram derrubar as jesuítas. Os índios que sobreviveram foram escravizados ou espalhados, para voltarem à vida antiga, vida de selvagem, tornada agora mais amarga por um intenso ódio as homem branco, tanto civil como eclesiástico, ódio que muitos deles conservem ainda nos dias atuais.

(**Adventures with the Bible in Brasil**,
37-38. London, Pickering and Ingles, 1926)